

## edição 001

### Edição 001-A, de 8/10/2012

Nesta edição:

- **Vale a pena lutar** - resultado da vigília e das **reivindicações dos deficientes**, face à ameaça de cortes orçamentais e redução dos apoios técnicos a deficientes.
- **Trabalhadores da agência noticiosa Lusa em luta** - o Estado, accionista maioritário da Lusa, prepara-se para reduzir as verbas do contrato-programa e fazer os trabalhadores da empresa pagarem este serviço público.
- **Censura, manipulação e propaganda nos meios de comunicação social** - breve história e factos da cavalgada censória dos governos e dos grandes interesses empresariais, e a construção de uma máquina de propaganda contra os interesses dos trabalhadores.
- **Milhares de soldados (de plástico) cercam S. Bento**
- **Algumas notícias breves dos movimentos sociais.**

[Descarregar a edição n.º 001-A](#) [1] (documento PDF, preto e branco, pronto a imprimir, cerca de 1,52 MB)

afolha.pt a folha

8/10/2012 • edição n.º 001-A



Vale a pena lutar

Movimento (d)Eficientes Indignados obtêm garantias do governo

O Movimento (d)Eficientes Indignados promove uma vigília em São Bento, frente à Assembleia da República, em protesto contra o corte de 30% nos produtos de apoio a deficientes. Estes apoios, essenciais à sobrevivência de muitos deficientes, por lei devem ser universais e gratuitos – buldas, cadeiras de rodas, sondas, etc. O Movimento exige também que o orçamento de Estado para 2013 responda os benefícios fiscais, retirados aos deficientes pelo ex-primeiro-ministro José Sócrates.

Em 2/10/2012, primeiro dia da vigília, o governo anunciou um reforço de 2,5 milhões de euros para as ajudas técnicas aos deficientes. Os manifestantes não consideraram isso suficiente e mantiveram a vigília. Após mais de 24 horas de acampamento, ao sol, à chuva e ao frio, permitindo nas cadeiras de rodas, e três horas de reunião com o secretário de Estado da Segurança Social, resultaram a garantia de que serão havidos processos indeferidos por falta de verbas. O representante do Governo garantiu a marcialização dos

pedidos de apoio mencionados, a atribuição de uma verba até 4,5 milhões de euros para estes casos e que «daqui para a frente não haverá [para os deficientes] processos indeferidos por falta de verbas na compra de apoios técnicos, próteses, etc.

Foi estabelecido que o secretário de Estado da Solidariedade comunicará ao ministro das Finanças que aguardamos resposta até segundo-feira, dia 11, ao email enviado dia 9 de Setembro, que nunca teve resposta».

Em comunicado de 4/10/2012, o Movimento apelou às pessoas com deficiência «para que façam valer os seus direitos e assegurem que estas garantias se verifiquem na prática» e declaram que «podem contar com o nosso movimento, tal como até agora, na denúncia de qualquer atropelo ao que foi estabelecido. Quem teve os seus processos indeferidos por inexistência de verba deve solicitar de imediato a sua aprovação».

O comunicado conclui: «Vale a pena lutar. Vale sempre a pena lutar» - 11/10/2012

Trabalhadores da Lusa marcam vigília no dia 8

A Comissão de Trabalhadores da Lusa foi recebida, dia 3/10, por Miguel Relvas, ministro-adjunto e dos Assuntos Parlamentares, que confirmou ser intenção do Governo cortar 30% na verba do contrato para 2013 entre o Estado e a agência. Face a esta decisão ministerial, a Comissão de Trabalhadores solicita aos sindicatos a emissão imediata de um pré-aviso de greve por tempo indeterminado.

O contrato anterior previa um financiamento anual de 15 milhões de euros e a administração da agência havia apresentado, no início do ano, um plano de reestruturação que previa uma redução de 15% no financiamento da Lusa e a garantia de que não haveria lugar a despedimentos.

Os trabalhadores da agência foram informados hoje numa reunião plenária das intenções do Governo e a maioria rejeitando «instimadamente qualquer redução arbitrária dos verbas [...] numa lógica exclusivamente económica», exigindo ainda que os verbas para a agência apenas sejam definidos em função do pagamento das contas em que a empresa incorre pelo serviço público que lhe cabe assegurar.

O governo adotou esta decisão por unanimidade e mandando o Sindicato dos Jornalistas, a Comissão de Trabalhadores e o Conselho de Redacção para solicitarem audiências com carácter de urgência ao Presidente da República, à presidente da Assembleia da República, ao ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, ao ministro das Finanças, à Comissão parlamentar de Ética, Sociedade e Comunicação e aos grupos parlamentares para lhes expor as posições dos trabalhadores da Lusa.

No ano passado, a agência apresentou lucros de 2,7 milhões de euros, mas foi impedido pelo hábito de distribuir dividendos. Desses valores, acabou por provisionar cerca de 2 milhões de euros. Os maiores accionistas da Lusa são o Estado (50,14%), a Controlinveste (23,36%) e a Impresa (22,35%).

Ficou marcada para segunda-feira, 8/10, uma vigília à porta de sede da agência, envolvendo a manifestação social, nacional e estrangeira a esse presente e um novo plenário no próximo dia 9, para fazer o ponto da situação e marcar datas da greve dos trabalhadores da Lusa. - 11, 10/2012 - Fotos: Centro de Notícias Públicas.

editorial

Censura, manipulação e propaganda nos meios de comunicação social

Há um ano, quando se falava em censura nos jornais, as pessoas faziam o rufar, não acreditavam. Mesmo sendo público que uma jornalista fora suspensa da agência Lusa por não aceitar uma informação não confirmada de um assessor do primeiro-ministro, então José Sócrates.

Depois começaram a acontecer mais coisas: um programa de rádio cancelado e cinco optações

despedidos no canal público Antena-1; uma jornalista do Público chamagrada, ameaçada e forçada à demissão pelo ministro Miguel Relvas; uma Entidade Reguladora da Comunicação que nega a gravidade dos factos, mas depois um dos seus elementos vem queixar-se das mesmas pressões.

As pessoas também começaram a reparar que notícias de estrangeiro que batiam no peito, como o movimento Occupy nos Estados Unidos ou a luta dos estudantes do Quebec, ou ainda a mania da Itália de suspender o pagamento de dívida e criar uma nova constituição, tudo isso só era noticiado

quando havia confrontos que metiam polícia – e portanto metiam medo.

Começou também a descobrir-se que os discursos em manifestações – já em Portugal – eram provocados por agentes da polícia infiltrados. Está provado, mas só o sabe quem procura na internet, porque os média comerciais sempre o omitiram. Censuraram.

Esses mesmos média procuram descaradamente criminalizar alguns movimentos apelidados de «anarquistas» – palavra que inexplicavelmente adquire uma conotação violenta – quando os fatos

(continua no verso)

As notícias aqui apresentadas são uma adaptação resumida dos artigos disponíveis na rede digital

Mais notícias em [afolha.pt](https://www.afolha.pt)

# a folha

onde o povo é quem mais ordena

Um jornal focado nos interesses dos que dependem do sucesso da sua força de trabalho

edição n.º 001-A - 8/10/2012

(continuação de anterior)

grupos são pacifistas. Exemplos dessas reuniões podem ser encontrados no sites de Gaia e RDA. Mas nenhuma demonstração foi publicizada nos jornais que as publicaram.

Com a derrocada do prestígio do governo de Passos Coelho a partir do momento em que Miguel Balsemão se tornou a análise nacional de *daily news*, começou a ser cada mais evidente que os meios de comunicação – e em particular as televisões – obedecem entusiasticamente à voz do dono. Seja o dono estatal ou empresarial.

Por exemplo, no dia 13 de Setembro, é isso a que o primeiro-ministro anunciava na televisão ao pacto de austeridade da TSU, tinha uma manifestação sindical à porta, que a comunicação social



omnisciente ignorava. Um dos cartazes dizia: «E os roubados não são entrevistados?»

A propaganda dos governos é uma máquina óbvia na perfeição, com uma agenda ideológica definida e manuseada a todas as horas por um exército de jornalistas, comentaristas e analistas. Mas – apesar da eficácia destes assessores e publicistas ao serviço dos poderes – a mediocridade e a malignidade dos governantes começou a erode a credibilidade da sua máquina de propaganda.

A maior parte dos meios de comunicação dão a mesma notícia, com ligeiras adaptações (ou copies) editoriais. Essa notícia sempre igual provém da agência Lusa – a grande máquina de informação nacional. Apertadamente já não há jornalistas que vão ao local e investigam os factos, de bloco de notas em punho. Os jornalistas de hoje trabalham sentados.

Hoje somos mais rápidos para descobrir da palavra de qualquer jornalista do que para criar que não dá – como obriga o seu código deontológico – informações credíveis, complexas e imparciais.

Por tudo isto, quando os trabalhadores da Lusa ameaçam fazer greve devido a cortes orçamentais, embora possam contar desde já com a nossa solidariedade, não podemos deixar de lhes perguntar: onde estavam vocês quando os outros trabalhadores precisaram de ser ouvidos?

É fácil verificar que os movimentos sociais e em particular os que defendem os trabalhadores não têm quase expressão ou acesso aos meios de

comunicação social principais. Quando uma greve é essencial, os jornalistas assanham sem per o ponto de vista do poder ou o do cidadão lesado; fortemente expõem os motivos que levam os trabalhadores a greve. Mas é esse o «porquê» de se fazer a greve.

O *h-a-b-a* de informação jornalística, que todos aprendemos na escola, consiste em dizer o quê, o quem, o quando, o onde, o como e o porque. Os jornalistas de hoje parece que esqueceram os porquês. A maioria dos jornalistas abole os princípios simples para dar prioridade aos princípios do marketing político e da propaganda. Por isso uma das coisas que realmente vemos nos jornais e na televisão é o famoso *contraditório*. Estão até um programa de debate televisivo que devia ouvir os «Prós e Contras» dos problemas sociais e já só ouve os *pros*, como se viu na passada semana com o tema «manifestações e forças políticas», onde só duas dituras estavam representadas.

Essa máquina de propaganda concorda-se, muito simplesmente, por afirmar por palavras tudo o que os actos negam. É aquilo que Orwell chamou «*verdades*» no seu romance 1984 – a língua onde tudo significa o seu contrário. Um autêntico dicionário de mentiras. Uma fabricação verbal do mal inexistente. Uma farsa. Uma fraude.

Ora, o que é que os meios de comunicação social não nos querem dizer? Tudo o que tenha a ver com as acções dos cidadãos e dos trabalhadores que possam incomodar o poder político ou empresarial. Tudo o que não venha de cima, mas venha da sociedade. E hoje – como todos sabemos – os debates têm muitos motivos para se manifestarem contra os de cima.

É isso – dar exclusivamente as notícias que respeitam aos movimentos sociais – que este jornal tem por missão fazer. É isso que nos distingue. É isso o nosso caminho, que ainda agora começamos. Mas como não podemos ir a todo lado, pedimos aos cidadãos e aos trabalhadores que nos enviem as suas notícias, que procuremos publicar com a maior fidelidade.

Queremos que *A Folha* sirva para que os movimentos sociais sejam matematicamente visíveis e não se sintam isolados na sua luta pela sobrevivência. Contra o silêncio e contra a mentira.

— *travessa*

## Milhares de soldados cercam São Bento

Uma acção de protesto com milhares de gladios ocorreu no passado domingo, dia 30 de Setembro, frente à Assembleia da República. Tendo como lema a frase de Salgueiro Maia «Semos todos capitães», este evento simbólico foi organizado pelo Colectivo Negatives, grupo de intervenção artística, e propagada via Facebook. — *travessa*



## Breves e resumos

### Alunos do Instituto Superior Técnico agudam ministro da Educação

O ministro da Educação, Nuno Crato, foi acediado ontem com protestos dos estudantes do Instituto Superior Técnico, onde presidiu a uma cerimónia que premiava o desenvolvimento da ciência em Portugal. Os manifestantes protestavam contra os aumentos dos passes escolares, das propinas, dos preços nas cantinas, e contra os cortes na Acção Social Escolar – factores que estão a obrigar muitos alunos a deixar a universidade. — *travessa*

### População e trabalhadores juntos contra privatização dos estaleiros de Viana do Castelo

Mais de 2.000 trabalhadores e reformados dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo (ENVC), bem como população da cidade, saíram à rua, na maior manifestação de sempre, protestando contra a privatização da empresa. A comissão de trabalhadores dos ENVC acusa o ministro da Defesa de enviar a empresa, depois de revogado o contrato de 2004 para equipamento da Marinha, no valor de cerca de 400 milhões de euros. — *travessa*

### Trabalhadores do Ixo de Lisboa reclamam condições de trabalho

Trabalhadores municipais da limpeza urbana de Lisboa queixam-se da falta de condições de trabalho e alertam que os municípios pedem vir a pagar mais taxas se os serviços forem privatizados. — *travessa*

### Greve dos maquinistas dos comboios ao trabalho extraordinário até final de Outubro

O Sindicato dos Magalhães comunica que os maquinistas entram em greve à prestação de trabalho extraordinário, de 1 até 31/10/2012, incluindo os dias de descanso semanal e os feriados. Os trabalhadores só aceitarão horários de trabalho nas incalças de serviço a que estão afectos. — *travessa*

### Ordem dos Médicos contra «perverso nacionalismo» dos medicamentos. Plataforma Cidadã contra política de austeridade

A Ordem dos Médicos, em comunicado de 20/09/2012, classifica de «perversos» o parecer sobre nacionalismo em Saúde, encomendado pelo Ministério de Saúde, e declara que este não conta com o apoio da Ordem dos Médicos. O Conselho Nacional Executivo da Ordem decidiu solicitar e abrandar de um processo de investigação aos médicos que assinaram o parecer do CNECV.

A Plataforma Cidadã de Resistência à Destruição do SNS repudia o parecer emitido pelo Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida relativamente à afectação de recursos para doentes de cancro, HIV e doenças raras, considerando que as suas conclusões «condemnam a uma política de eutanásia forçada para estes doentes, justificada por um suposto imperativo financeiro de austeridade»; o que é «eticamente repugnante e insuporavelmente inconstitucional», correspondendo a «uma pouco democrática política de austeridade, onde apenas os mais favorecidos economicamente veem o direito de tentar a todo o custo prolongar a sua vida com algumas qualidades». — *travessa*

[colabora@afolha.pt](mailto:colabora@afolha.pt)

Source URL: <https://www.afolha.pt/node/48>

## Links

[1] [http://afolha.pt/sites/default/files/pronto\\_a\\_imprimir/edicao-001-A.pdf](http://afolha.pt/sites/default/files/pronto_a_imprimir/edicao-001-A.pdf)